

## De perto e de longe

Claude Lévi-Strauss e Didier Eribon, São Paulo : Cosac Naify, 2005

### Capítulo 2

# O etnólogo em campo

Então, em fevereiro de 1935 o senhor tomou o navio em Marselha. Destino: São Paulo. Foi graças a Georges Dumas que o senhor conseguiu um cargo na universidade da cidade. Quais eram as ligações do grande psicólogo com o Brasil?  
A influência da França era muito forte no Brasil, desde o

comtismo. Para os brasileiros cultos, o francês era uma segunda língua. Georges Dumas estivera várias vezes lá e tinha ligações com a aristocracia local, sobretudo em São Paulo. Quando os brasileiros quiseram criar uma universidade naquela cidade, naturalmente dirigiram-se a ele para que constituísse uma missão francesa.

**Quando foi criada a universidade?**

Um ano antes da minha chegada. Eu fiz parte da segunda fornada.

**Fora os franceses, houve outras missões estrangeiras?**

Houve uma missão italiana. Com Ungaretti, especialmente. Convém esclarecer que os italianos eram muito numerosos em São Paulo. A metade da cidade, ou quase. Havia alguns professores alemães, mas a título individual, porque já era a época do hitlerismo.

**Quando o senhor chegou, qual era a atmosfera da universidade?**

A universidade tinha sido criada por grandes burgueses, num momento em que a tensão entre o poder paulista e o governo federal ainda era muito forte. Tão forte que quase desembocou numa secessão. Os paulistas consideravam-se a ala ativa de uma nação adormecida num torpor colonial. Foi para pôr a juventude paulista no nível da cultura européia que aqueles aristocratas burgueses decidiram criar a universidade.

Mas, por uma espécie de paradoxo, os estudantes vinham de classes modestas, porque havia um grande desnível entre a elite e a massa da sociedade, que continuava pobre e de espírito provinciano. Os estudantes, freqüente-

mente homens e mulheres já empenhados numa vida profissional, desconfiavam dos grandes burgueses que tinham fundado a universidade. E até nós nos encontrávamos entre dois campos. Ao mesmo tempo que nos consideravam pessoas de valor, os estudantes às vezes nos encaravam como servidores da classe dominante.

**Mesmo assim, os senhores não eram “os cães de guarda da burguesia”?**

Não, e devíamos tomar cuidado para não parecê-lo.

**Como eram as aulas?**

Os estudantes tinham um colossal apetite de saber. Aliás, num certo sentido, eles sabiam mais do que nós, porque, como autodidatas, eles tinham lido tudo, devorado tudo, mas em obras de segunda ou terceira mão. Nossa tarefa era menos ensinar-lhes as coisas que eles ignoravam do que dar-lhes uma disciplina intelectual.

**Onde ficava a universidade?**

No centro da cidade, em velhos prédios, nos quais ainda se respirava uma atmosfera colonial. Enquanto que hoje a universidade, atingida como outras pelo gigantismo, está instalada em construções estilo Jussieu ou Nanterre, num imenso descampado.

**Quantos estudantes havia?**

Algumas dúzias.

**O que é muito.**

Ah, sim! Era toda a juventude paulista, ou pelo menos aqueles que tinham um mínimo de meios. Meus colegas

que ensinavam a literatura francesa tinham mais alunos, porque a nata da sociedade ia ouvi-los.

**E o senhor, dava um curso de sociologia?**

Esse era o nome da cadeira.

**Mas já que a sociologia e a etnologia não se distinguem muito uma da outra, o senhor poderia ter dado etnologia?** Não se esqueça de que a burguesia brasileira tinha uma longa tradição que se originava em Auguste Comte. O pensamento dele teve uma enorme influência sobre o Brasil do século XIX, a tal ponto que na bandeira do Brasil está inscrita sua fórmula: *Ordem e Progresso*.

**Sentia-se ainda essa influência de Auguste Comte?**

Ainda havia igrejas positivistas muito ativas naquela época. Mas os brasileiros cultos tinham passado de Comte a Durkheim, que representava para eles um positivismo modernizado. Era, pois, sociologia o que eles queriam.

**O que devia ser um pouco incômodo para o senhor.**

Fui para o Brasil porque queria ser etnólogo. Fui conquistado pela etnologia como um ato de rebeldia a Durkheim, que não era um homem de campo, ao passo que eu descobria a etnologia de campo com os ingleses e os americanos. Eu estava, portanto, numa posição falsa. Chamaram-me para perpetuar a influência francesa, por um lado, e a tradição Comte-Durkheim, por outro. E eu chegava conquistado, naquele momento, por uma etnologia de inspiração anglo-saxônica. Isso me criou sérias dificuldades.

**De que tipo?**

Georges Dumas tinha um jovem parente empregado na universidade, desde o primeiro ano, que era sociólogo. Quando cheguei, este quis colocar-me numa posição subalterna. Não fiquei satisfeito, e como resistisse, esforçou-se para que me despedissem em nome da tradição comtista, em que era especialista, e que meu ensino traía. Os donos da universidade, que também eram donos do grande jornal *O Estado de S. Paulo*, ouviam-no com complacência. Devo a minha permanência à solidariedade de alguns colegas, hoje mortos: Pierre Monbeig e Fernand Braudel, o qual me apoiou com a autoridade de que gozava. Relembrei esse episódio em 1985, na alocução que proferi quando lhe entregaram a espada de acadêmico.<sup>5</sup>

**O senhor ficou no Brasil, mas não partiu imediatamente em expedição às tribos indígenas?**

A partir do fim do primeiro ano letivo. Em vez de voltar para a França, minha mulher e eu fomos para o Mato Grosso, para as aldeias kadiwéu e bororo.<sup>6</sup> Mas eu já tinha começado a fazer etnologia com os meus alunos: sobre a cidade de São Paulo e sobre o folclore dos arredores, do qual minha mulher se ocupava mais especificamente.

**Restou alguma coisa desses trabalhos?**

Talvez sob a forma de pesquisas, que eu mandava meus alunos fazerem. Há alguns dias eu revi, com surpresa, um pedaço de documentário que nós rodamos numa festa popular. Os brasileiros projetaram-no no Beaubourg, ao lado do que ainda existe de meus documentários filmados nas tribos kadiwéu e bororo.

**Quais foram suas impressões quando fez sua primeira experiência de campo?**

Eu estava num estado de excitação intelectual intensa. Sentia-me revivendo as aventuras dos primeiros viajantes do século XVI. Por minha conta, descobria o Novo Mundo. Tudo me parecia fabuloso: as paisagens, os animais, as plantas...

**Então o senhor fez alguns meses de trabalho de campo, depois ensinou durante um ano letivo...**

...e voltamos para a França nas férias seguintes. Em 1936-1937, durante o verão de lá, que corresponde ao nosso inverno.

**E foi nessa época que o senhor organizou sua primeira exposição. Foi no Museu do Homem?**

Não exatamente no Museu do Homem, porque estavam reconstruindo o velho Trocadero para a exposição de 1937, e tudo estava em obras. Georges-Henri Rivière, que encontrei pela primeira vez, conseguiu que a Galeria Wildenstein emprestasse suas instalações na esquina da rua do Faubourg Saint-Honoré com a rua La Boétie.

**O que havia na coleção que sua mulher e o senhor trouxeram?**

Era uma boa coleção etnológica – posso dizê-lo agora, que tenho termos de comparação. Tínhamos recolhido entre os Kadiwéu cerâmicas decoradas e peles pintadas com motivos singulares que só existem lá na América. Os objetos bororo eram principalmente enfeites de pluma, dentes e unhas de animais, pois os Bororo decoram ricamente até suas armas de caça e utensílios. Havia peças espetaculares.

**Qual foi a repercussão dessa exposição?**

Um sucesso de crítica. Mas acho que também foi visitada.

**E o senhor ficou amigo de Georges-Henri Rivière.**

Não nessa época, porque assim que as férias terminaram eu voltei para o Brasil. Quando voltei definitivamente para França, houve logo a mobilização, a guerra... Depois, minha partida para os Estados Unidos. Só me liguei a Rivière em 1949 ou 1950.

**Quando partiu de novo para o Brasil, depois das férias daquele inverno de 1936-1937, o senhor não retomou suas aulas?**

Eu precisava fazer minhas provas de etnologia, porque não tinha formação alguma. Graças à exposição de 1936, consegui créditos do Museu do Homem e da Pesquisa Científica, ou do que acabaria chamando-se assim. Com esse dinheiro, organizei a expedição entre os Nambikwara.

**Expedição que durou mais de um ano.**

Só voltei para a França no início de 1939.

**É preciso muita coragem e saúde física para agüentar firme durante expedições. O senhor narra, em *Tristes trópicos*, as cavalgadas em lugares impossíveis, a travessia dos rios, as viagens de piroga...**

Quando se é jovem, todo mundo tem esse tipo de resistência.

**Lendo seu texto, tive a impressão de que o senhor tinha uma resistência especial.**

Acho que não. Mas é verdade que eu não adoeci. Fui prin-

principalmente protegido, como freqüentemente na minha existência, pela falta de imaginação.

**A inconsciência do perigo?**

Exatamente.

**Contudo, em certos momentos o senhor parece ter tido muito medo.**

Eu tive medo retrospectivamente. Na hora eu nem percebia. De qualquer maneira, é bom não exagerar: não acho que tenha arriscado minha vida com freqüência.

\* \* \*

**No Brasil, como disse há pouco, o senhor conheceu Fernand Braudel.**

Sim, ele chegou um ano depois de mim.

**O senhor encontrou-se com ele assim que chegou?**

Claro. Os professores franceses formavam uma pequena comunidade.

**Como foi seu encontro com ele?**

Braudel era seguro de si, da diferença de idade, da sua posição mais elevada na hierarquia universitária.

**Mas naquela época ele ainda não era famoso.**

!a tornar-se! Nós sabíamos que ele já estava destinado ao ensino superior. Era mais velho, mais adiantado do que nós na carreira e na sua tese. Ele ainda não a tinha escrito, mas transportava consigo o material que usaria. Antes de alugar uma casa, precisou de mais um quarto de hotel para instalá-lo!

**Por que ele foi para o Brasil?**

Imagino que para alguém que se interessava pelo Mediterrâneo e pelo mundo ibérico, conhecer a América Latina, que foi sua província, tinha alguma importância.

**Parece que suas ligações não foram muito estreitas.**

Ele nos tratava com certa superioridade. O que não impediu, quando eu tive os problemas de que lhe falei há pouco, de ele usar toda sua influência a meu favor.

**O senhor e ele alguma vez falaram sobre seus respectivos trabalhos?**

Eu lhe disse que os professores formavam um pequeno grupo, mas é preciso esclarecer que esse grupo era muito centrífugo. Cada um de nós tinha a sensação de arriscar o sucesso ou o fracasso de sua carreira no Brasil. Então, cada um procurava cercar-se de uma corte que fosse exclusivamente a sua, e que fosse mais importante que a do vizinho. Era bem francês, bem universitário, mas, transportado para os trópicos, um pouco ridículo e não muito saudável.

**E Ungaretti, o senhor o conheceu?**

Mal. O que era verdade dentro de cada missão universitária era-o mais ainda entre as missões. Sentiam-se concorrentes e freqüentavam-se com discrição.

**O senhor deixou o Brasil em 1939.**

No começo do ano. Eu queria voltar para a França com meus materiais de expedição, retomar a vida universitária, preparar uma tese...

**E depois disso o senhor nunca voltou ao Brasil.**  
Nunca, até 1985...

**Quando o senhor esteve lá com François Mitterrand.**  
Apenas por alguns dias.

**Antes de voltar, não sentia uma certa nostalgia por aquele país de que tanto tinha gostado?**

Certamente. Mas eu sabia que tudo lá mudava com tal velocidade, que se eu voltasse seria só para lamentar meu passado. Foi, aliás, o que aconteceu quando revi o Brasil depois de quase meio século.

**Durante sua estada no Brasil, entre 1935 e 1939, o senhor escreveu alguns artigos?**

Um grande artigo sobre os Bororo, que foi publicado no *Journal de la Société des Américanistes*. E vários outros, muito insignificantes, para diversas revistas.

**O senhor não se sentia tentado a escrever um livro a partir de suas experiências de campo?**

Naquela época, tinha a sensação de que era incapaz de escrever um livro.

**Seja como for, quando o senhor voltou para a França já tinha muita coisa publicada.**

Sim, mas muito pouco material, a não ser o artigo sobre os Bororo. Era mais jornalismo do que etnologia.

**Esses artigos foram notados?**

Foi graças ao artigo sobre os Bororo que consegui partir para os Estados Unidos. Tinha chamado a atenção de Al-

fred Métraux e de Robert Lowie, que tiveram um papel determinante.

**Na realidade, desde seu primeiro trabalho o senhor encontrou um certo eco.**

Sim, mas isso se deve menos a meus modestos méritos do que a uma ajuda das circunstâncias: os etnólogos americanos achavam àquela altura que já conheciam todos os índios da América do Norte, e que precisavam encontrar outra coisa. Voltavam-se para o Hemisfério Sul. Meu trabalho chegou na hora certa.

**Quando o senhor voltou para a França, não tinha um ponto de apoio na Universidade?**

Eu ainda estava licenciado; pedi um cargo para o início do período escolar.

**Não tinha pensado em assumir um posto imediatamente?**  
Eu precisava instalar minhas coleções no Museu do Homem, fazer uma ficha para cada objeto, o que significava um trabalho longo e minucioso.

**Como eram essas coleções?**

Eram volumosas, mas menos espetaculares do que as precedentes. E não houve exposição. Quando acabei de classificá-las e analisá-las, a guerra estourou. Foi também nesse momento que Dina, minha primeira mulher, e eu nos separamos.